**SUCESSÃO NO ESCURO** *Partido estuda adiar prévias de janeiro e se antecipar ao PSDB para compor dobradinha com PFL*

# PMDB já cobiça vice do fenômeno Roseana

Alisson Barros - 28.set.2001/Folha Imagem

A governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL), durante entrevista no palácio do governo

RAYMUNDO COSTA
DA SUCURSAL DE BRASÍLIA

Além de deixar desorientado o ninho tucano, o crescimento da governadora Roseana Sarney (PFL) nas pesquisas de opinião ameaça provocar baixas nas fileiras de Itamar Franco no PMDB.

Atraídos por José Sarney (AP), parte dos aliados do governador mineiro passou a admitir o adiamento da prévia de janeiro para a escolha do candidato da sigla em 2002. A idéia: avaliar se o crescimento de Roseana é uma bolha passageira ou fenômeno que se sustenta e, nesse caso, se antecipar aos tucanos na chapa governista.

O movimento começou pelo Senado. Após conversar com Sarney, o líder da bancada, Renan Calheiros (AL), que é aliado de Itamar, procurou outros dirigentes peemedebistas com a proposta. Na avaliação de Calheiros, a eventual consolidação de Roseana permitiria uma composição PFL-PMDB, cabendo à sigla dar o vice da chapa: Michel Temer (SP), atual presidente da legenda. O PSDB já deixou claro que não cede a cabeça de chapa. Corre o risco de ficar fora dela.

Calheiros sugeriu ter o aval de Sarney para a fórmula. De fato, o ex-presidente tem se movimentado com mais intensidade desde que os índices de Roseana rondaram o patamar dos 20% nas pesquisas. Se ela mantiver esse desempenho, ficará difícil para o PFL, no qual Sarney tem influência, evitar uma candidatura que nasceu para servir de moeda de negociação na aliança governista.

### Governistas

Para não melindrar Itamar, que tem ótimas relações políticas com Sarney, Calheiros fala que a prévia de janeiro só pode ser adiada por consenso. Mais surpreendente é a reação do grupo fiel ao Planalto: ao contrário do que ocorreu há menos de 90 dias, quando cedeu à proposta das prévias para vencer a disputa pela presidência da sigla, o grupo governista agora quer fazer a preliminar.

Entrincheirado na Fundação Ulysses Guimarães, presidida por Moreira Franco, o grupo trabalha na formação de uma frente anti-Itamar. Entre os membros fundadores estão o próprio Moreira, que saiu do Planalto para não deixar as impressões digitais de Fernando Henrique Cardoso na articulação, Eliseu Padilha, que deixa o Ministério dos Transportes nesta semana, e os governadores Jarbas Vasconcelos (PE) e Joaquim Roriz (DF).

Michel Temer deve ser o candidato contra Itamar. Pedro Simon (RS), que está inscrito na prévia, deve receber um "apelo" do PMDB gaúcho para disputar o governo do Estado, pois seria o único nome com condições eleitorais para bater o PT.

Derrotar Itamar, para o grupo palaciano, significa manté-lo em Minas, o segundo maior colégio eleitoral do país, disputando a reeleição ou o Senado. Mesmo que ele apóie Lula, avalia-se no governo, o candidato do Planalto ainda teria condição de tirar um bom número de votos de Minas.

### Compatibilidade

O eleitorado de Itamar não seria incompatível com o eleitorado de um candidato tucano. Principalmente se esse candidato for também um mineiro, como o presidente da Câmara, Aécio Neves, a novidade mais recente nos tubos de ensaios presidenciais dos alquimistas tucanos, diante da inanição eleitoral de José Serra (Saúde) e Tasso Jereissati (CE).

Para deixar Itamar em Minas, o grupo palaciano pretende recorrer a todas as armas. Uma delas será a definição das regras da prévia. A atual direção quer limitar o número de eleitores: poderiam votar todos os filiados com mandato no PMDB até os presidentes dos diretórios municipais. Isso retiraria as chamadas "bases" da disputa, nas quais o sentimento de oposição seria mais forte.

No paiol, os governistas guardam uma arma poderosa: o Ministério dos Transportes, pelo qual, por enquanto, responderá o secretário-executivo de Padilha, Alderico Jefferson Lima, mas que pode ser usado a qualquer momento para fortalecer ou consolidar as forças anti-Itamar. O cargo está entre os líderes de dois subgrupos dos governistas: Michel Temer e Jarbas Vasconcelos.

### Receio

Em comum, os dois grupos têm o mesmo receio: escolhido candidato, Itamar pode desistir no meio do caminho e apoiar Lula (PT). Os "itamaristas" mais moderados temem até que o governador de Minas renuncie à candidatura às vésperas da prévia, como ocorreu na convenção do PMDB de setembro passado.

Preocupam-se, também, com a auto-suficiência de Itamar, que pouco ou quase nunca sai de Minas para articular sua candidatura. Nem mesmo com Orestes Quércia (SP) ou Roberto Requião (PR), representantes dos dois diretórios nos quais sua candidatura é mais forte, além de Minas. Requião, aliás, já insinuou que pode apoiar Lula de saída.

O fator Roseana, por enquanto, só não alterou a estratégia de Itamar —que parece esperar que a unção do PMDB caia do céu— e a de José Serra. Enquanto Tasso decidiu antecipar o lançamento de sua candidatura e o PFL a olhar com mais seriedade a candidatura Roseana, Serra insiste em não misturar eleição com saúde até março de 2002. Os tucanos temem, e o PFL e PMDB desconfiam que, até lá, os dois estejam estropiados eleitoralmente.

# Marido da governadora tem cargo e influi no governo

KICO SÁ
ENVIADO ESPECIAL A SÃO LUÍS

A imagem de mulher independente, moderna, firme e decidida, como divulga a propaganda do PFL na TV, é vista com ironia pelos adversários da governadora Roseana Sarney no Maranhão.

"Todo mundo sabe, até as crianças, que o Jorge Murad manda tanto ou mais no governo do que a governadora", diz o deputado estadual Pedro Alves (PSB). "É mais do que uma eminência parda, desde a primeira gestão".

Casado com a governadora, Murad, ou "primeiro-cavalheiro", como é tratado por parlamentares na Assembléia Legislativa, está longe de ser um decorativo "Mr. Thatcher" —Roseana não chega a ser a dama-de-ferro (apelido da ex-primeira-ministra britânica Margaret Thatcher) do Maranhão.

O genro do ex-presidente José Sarney ocupa o cargo de gerente de Planejamento e Desenvolvimento Econômico do Estado —considerada uma supersecretaria, órgão que trata de todo o investimento estadual e tem controle sobre as demais pastas.

Responsável pelo orçamento estadual, de R$ 2,9 bilhões, o "supergerente" não admite uma única emenda, por parte dos deputados estaduais, na peça que elabora sobre a divisão dos gastos dos cofres públicos para cada ano.

Durante a gestão da governadora, o orçamento não foi emendado nem mesmo pelos políticos mais fiéis ou velhos aliados. Passa pela Assembléia Legislativa apenas para cumprir a burocracia.

Com 36 parlamentares —de um total de 42— do chamado "rolo compressor" governista, Murad consegue livrar o orçamento que prepara até mesmo de debate no Poder Legislativo.

"Só mudaram alguma coisa na obra orçamentária de Jorge Murad uma vez na vida: quando destinaram recursos para uma estatal que já havia sido extinta", diz o deputado tucano Adenan Lago. "Aí tiveram que consertar a mancada, não tinha outro jeito".

Com amplos poderes, o "primeiro-cavalheiro", cuja visão empresarial adotada no governo é alvo de ataques dos adversários e também de queixas reservadas de aliados, é interlocutor do Estado com empresas ou qualquer homem de negócios que resolva investir no Maranhão.

### Pólo frustrado

Foi Murad, por exemplo, quem negociou a instalação do Pólo Industrial de Confecções de Rosário, inaugurado, com uma grande festa, em 96, por Roseana e pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. Seria, conforme divulgado na época, o mais ambicioso projeto social da governadora.

O pólo nunca chegou a funcionar como havia sido planejado. Prometia empregar 4.300 pessoas ligadas a 90 grupos comunitários, mas nunca chegou a 10% desse número. Com aval da administração maranhense, o projeto obteve empréstimos de R$ 7 milhões.

O dinheiro veio do Bird (Banco Mundial) e do BNB (Banco do Nordeste Brasil). O maior beneficiado com essa história, segundo denúncia do Ministério Público, foi o brasileiro naturalizado Chhai Kwo Chheng, de Taiwan, que comandava a Kao-I Indústria e Comércio, empresa que controlaria o pólo de confecções.

Chheng, acolhido no Maranhão por Murad —assessor especial de Roseana no primeiro mandato da governadora (95-98)— chegou a ter prisão preventiva decretada em 98. Com um habeas corpus, livrou-se da cadeia. O caso tramita no STJ (Superior Tribunal de Justiça), em Brasília.

"Não há como realizar qualquer grande negócio no Maranhão sem passar pelo marido da governadora", diz o deputado Lago. "Ele está em todos os lances".

A primeira vez que Murad teve o seu nome associado a irregularidades foi durante o governo do presidente José Sarney, quando exercia o posto de secretário particular no Palácio do Planalto.

Foi acusado, por membros da chamada "CPI da Corrupção" aberta no Senado, de fazer parte de um esquema de desvios de recursos da área social da administração. Negou qualquer envolvimento e saiu ileso do caso.

Evelson de Freitas - 23.mar.98/Folha Imagem

Pólo de confecções, maior projeto social de Roseana no Maranhão

## Estado lança pacote contra miséria

DO ENVIADO ESPECIAL

Por recomendação dos marqueteiros que comandam a sua campanha de pré-candidata à Presidência, Roseana Sarney (PFL), 48, lançou, sete anos depois da posse, um pacote de combate à exclusão e à miséria.

A Política Estadual de Assistência Social, batismo burocrático do pacote, tem como objetivo mostrar que a governadora está preocupada com os mais pobres.

"Não adianta tentar tapar um buraco, resolver uma mazela da oligarquia com uma peça publicitária criada da dia para a noite", atacou o deputado estadual Aderson Lago, do PSDB, partido que faz oposição a Roseana no Estado, embora mantenha-se colhido como o PFL no resto do país.

O índice que mais incomoda o governo faz parte do "Mapa da Fome", um documento da Fundação Getúlio Vargas, do Rio: 63,37% das pessoas no Estado vivem com até R$ 80 por mês.

Essa taxa que indicaria o tamanho da miséria maranhense cresceu 37% de 1992 (Roseana iniciou o primeiro mandato em 95) até o ano passado, embora tenha sido reduzida nacionalmente em cerca de 22%. Para tentar mostrar que os indicadores de renda não representam um cenário de miséria, Roseana encomendou uma pesquisa ao Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas.

O economista Ricardo Paes de Barros, que coordena a pesquisa, disse que as famílias que vivem em condições miseráveis devem ficar na faixa de 40%. "Essa dado acima de 60% é grosseiramente exagerado", critica. (KS)

OUTRO LADO

## 'Roseana jamais transfere poder', diz assessoria

DO ENVIADO ESPECIAL

A governadora Roseana Sarney informou, por meio da sua assessoria, que o programa de políticas sociais faz parte da rotina administrativa do governo, para reforçar ações já em desenvolvimento no Estado.

O programa também não atende a apelos do marketing e, de forma alguma, tem como intenção encobrir supostas falhas da área social do governo.

A assessoria diz ainda que a renda familiar per capita cresceu quase 50% na década de 90, com um desempenho acima da média nacional, de 25%.

Os indicadores de salário e renda, diz o governo, não indicam necessariamente que uma família viva na miséria. Quem vive na zona rural, relata a assessoria, pode muito bem ter uma renda insignificante e não passar por necessidades básicas, pois alimenta-se de animais e dos cereais que colhe.

### Jorge Murad

"Roseana jamais transfere poder para ninguém", diz o assessor de comunicação do governo, Antonio Carlos Lima —a governadora estava viajando quando a **Folha** a procurou em São Luís. "Jorge Murad é um secretário importante, como toda a equipe de gerentes".

Segundo a assessoria, as reclamações da oposição não têm sentido. "O governo é sério e mais do que democrático. Se a oposição não consegue emendar o orçamento é porque, na correlação de forças, não obtém vitórias, é minoria", diz o assessor. "Roseana descontentou muita gente com o combate à oligarquia, o fim da velha forma de se fazer política. A reforma administrativa que fez, com gerências regionais, é uma grande prova disso."

A assessoria informa ainda que Murad não teve nenhuma participação no projeto do pólo de confecções de Rosário.

## Gestão usa jargão da modernidade

DO ENVIADO ESPECIAL

O Maranhão da família Sarney, que comanda o Estado, os principais veículos de comunicação, uma rede de negócios e até o carnaval fora de época de São Luís, o Marafolia —realizado no final de outubro—, preserva os traços de oligarquia, mas encobertos por jargões da modernidade.

É o "mandonismo" típico dos coronéis nordestinos em sintonia com os tempos do Consenso de Washington —a cartilha de princípios adotada pelo FMI (Fundo Monetário Internacional) e pelo Banco Mundial desde o início dos anos 90, que impôs um modelo de gestão "profissional".

O flerte com o novo modelo levou ao pé da letra a troca da grade estatal pelo figurino de mercado. No Maranhão, os secretários estaduais são chamados de gerentes. Existem oito, apoiados por uma rede de subgerentes e auxiliares —espécie de balconistas da loja do consumidor dos serviços oficiais comandada por Roseana, formada em ciências sociais.

Os guichês para tirar documentos e resolver outras pendengas burocráticas de varejo também seguem a nomendatura da moda neoliberal: são chamados de "Shopping do Cidadão".

Recentemente, o programa teve o batismo mudado para "Viva Cidadão", mas apenas no papel. Os usuários, as telefonistas e as placas nas fachadas mantêm o "shopping" como destaque.

Somente as filas, compostas por levas de famílias carentes, guardam o velho semblante da miséria —não há jargão da modernidade maranhense que encubra. (KS)